



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

VERA LÚCIA NUNES GOMES

(depoimento)

2018

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-849

Entrevistado: Vera Lúcia Nunes Gomes

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Residência da entrevistada – Bairro Floresta -POA

Entrevistadora: Natália Bender

Data da entrevista: 31/01/2018

Transcrição: Natália Bender

Copidesque: Natália Bender

Pesquisa: Natália Bender

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 30 minutos e 36 segundos

Páginas Digitadas: 11 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Natália Bender intitulada *A Ginástica Artística no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva da atleta Adrian Gomes*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Infância da Adrian Gomes; Iniciação esportiva; Rotina de treinos; Período de treinamento na Seleção Brasileira; Período de treinamento na Núcleo de Base da Ginástica Artística na ESEF; Acompanhamento e apoio da família nos treinos e nos campeonatos; Apoio financeiro; Momentos marcantes da carreira da Adrian; Lesões; Recado para os trienadores.

Porto Alegre, 31 de janeiro de 2018. Entrevista com Vera Lúcia Nunes Gomes a cargo da pesquisadora Natália Bender para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

N.B. – Olá Vera, queria que tu contasse um pouquinho sobre o lugar onde vocês moravam quando a Adrian¹ nasceu, sobre a infância dela, como foi...

V.G. – Bom, a gente morava no morro Santa Tereza², em uma vila bem pobre. Quando ela nasceu eu tinha vinte e um anos, o pai jogava futebol fora, em Bagé, mas depois ele veio, logo que ela nasceu Ele veio e a gente criou ela junto até o dia de hoje. E quando ela tinha cinco anos que ela saiu da escolinha, da escolinha prézinho, a gente colocou ela na escola Mané Garrincha³, com seis, sete anos ela foi para o esporte.

N.B. – Sim.

V.G. – Eu queria colocar ela no balé na verdade, porque ela caminhava muito na ponta dos pés. Mas lá, a professora, acho que é Cleusa⁴, se eu não me engano, também foi professora da Daiane⁵, viu ela e perguntou se eu deixava ela fazer ginástica olímpica e aí deixei. E lá ela ficou com sete, com oito anos o União fazia garimpo lá e aí perguntou se eu deixava ela lá, daí falei: “Eu não tenho condições de levá-la todo dia, passagem, porque é longe de casa.” Era da zona Sul à zona Norte, mas com o tempo daí como ela foi se adaptando a gente foi fazendo bastante força para conseguir deixá-la.

N.B. – E na infância ela já tinha tido algum contato com outro esporte ou lá no CETE⁶ foi o primeiro contato que ela teve?

V.G. – É, no CETE foi o primeiro, mas quando, tipo ela tinha três anos a gente dizia: “Essa menina pula muito”, porque ela era muito sapeca. Ela foi bem precoce desde cedo. Todo

¹ Adrian Geovana Nunes Gomes.

² Bairro Santa Tereza, zona sul de Porto Alegre.

³ Escola Estadual Mané Garrincha.

⁴ Cleusa de Paula.

⁵ Ginasta Daiane dos Santos.

⁶ Centro Estadual de Treinamento Esportivo.

mundo se espanta, mas ela tinha umas convulsões com oito meses, porque ela já queria, ela já engatinhava e queria caminhar e falar. Eu levei no médico, no neuro, era lá no Conceição⁷. Eu tive muitas idas lá até nove meses quando ela começou a caminhar e falar, então muito, muito cedo. E ali dos três anos ela começava a pular para lá e para cá, e virar cambalhota, de um sofá para o outro. Aí eu pensei: quem sabe né, mas nem dei bola, deixei, ela era muito... Mas não tinha contato com esporte nenhum, a não ser futebol que o pai joga muito futebol.

N.B. – Sim.

V.G. – Sempre jogou muito futebol, mas não chegou ao profissional. Mas o único esporte que ela tinha contato era o futebol.

N.B. – E a família desde sempre apoiando e incentivando, desde que ela...

V.G. – Sempre, sempre. A gente sempre... Na verdade a gente até quis mais quando a gente colocou na escola Mané Garrincha... Como era uma escola que tinha esporte a gente também já pensou, quem sabe ela faz alguma coisa, mas eu queria balé, mas tinha ginástica lá, então, foi para a ginástica.

N.B. – Vocês escolheram a escola em função de ter os esportes e por ser próximo ao Centro Esportivo. Isto influenciou na carreira dela?

V.G. – É, eu acho que a própria escola, porque a escola já tinha o projeto de colocar os aluninhos em turno inverso em um esporte, então, os alunos, os pais que queriam, os alunos que queriam também iam para o turno inverso da tarde. Ela ia para a escola de manhã, almoçava, vinha para casa, almoçava, e eu pagava alguém para levar ela ali para o CETE porque é um pouquinho longe.... E ela foi indo, até que, como eu te falei que a professora veio e o clube contratou ela.

⁷ Grupo Hospitalar Conceição.

N.B. – E além da professora, teve mais alguém que foi importante que ajudou nesse início da Adrian?

V.G. – Não, não, sempre nós em casa incentivando. Não teve outra pessoa.

N.B. –Eu não sei se tu lembra, como é que era a rotina de treinos no início tanto quando ela estava no CETE como quando ela foi para o Grêmio Náutico União. Como é que era essa rotina, era muito pesada? E como que ela fazia assim para conciliar com os estudos?

V.G. – No início era mais tranquilo em função de horário, mas ela adaptou-se muito bem. Tipo o horário da manhã era... Ela estudava das oito ao meio dia e meio, do meio dia e meio ela ia para casa, almoçava, dava uma descansadinha, as duas e... Acho que era duas e meia que começava o treino até as cinco. Aí ela vinha pra casa, tomava banho, lanchava e fazia os teminhas. E dormia. Ela até via um pouco de televisão, jogava um videogame, e depois ela dormia e no outro dia continuava essa rotina. Quando ela foi se tornando mais profissional, vamos falar assim, que ela foi ganhando os campeonatos, foi ficando mais difícil para ela; ela chagava cansada em casa, daí ela dizia que estava sempre com sono, e isso até ela chegar a uma seleção e depois vem as dores, vem a rotina de dor e de lesões. Foi bem mais difícil, era complicado um pouquinho de ir com ela. Quando ela tinha os seus quatorze ou quinze, que ela foi para a seleção⁸, ela teve um período que começou a engordar. E ela queria comer as coisas e não podia. Quando ela foi para lá, lá era muito controlado, alimentação e horário de treino também foi bem pesado para ela, e quando resolveram mandar ela embora em função de peso. Que daí ela comia escondido, com as colegas, mas como ela também recém estava chegando lá, tudo cai no mais fraco... Elas comiam escondido e quando achavam era sempre a Adrian a culpada. Não... Isso foi ela que me falou porque eu não estava lá, não cheguei a ir até lá. E quando um belo dia nos ligaram e disseram para os pais, ligaram para nós: “Estamos mandando a Adrian embora em função de peso e de outras coisas”, que eu não me lembro agora o que aconteceu por lá. Ela usava telefone também, acho que ela tinha um namoradinho também, não me recordo. E foi isso, então essa parte foi a mais chata para nós. Ela veio de lá, daí não queria mais

⁸ Seleção Brasileira de Ginástica Artística.

treinar, ficou muito chateada e o pai disse: Não, você vai voltar a treinar”. Aí abriu a ginástica na ESEF⁹ com o Sérgio¹⁰, que eu não me lembro o sobrenome dele agora...

N.B. – Stringhini.

V.G. – O Sérgio pegou ela *bem* pesada, ela estava bem gordinha na época, mas ele lapidou ela de novo. Foi foi foi e quando ela, acho que se machucou, eu não sei o que houve, não quis mais. Não quis, não quis, não quis, porque não ia mais chegar na seleção. Teve umas pressões também do clube que ela estava e ela desistiu. O pai também não forçou, nem eu não forcei, deixamos ela e ela foi estudar e trabalhar. Um belo dia, ela estava trabalhando na Bella Gula, eu não me lembro o nome, que era um negócio de doces da Argentina, e uma amiga dela foi lá comprar uns negócios e viu ela lá e perguntou: “Tu não quer voltar a treinar Adrian, a gente está precisando?” Daí ela pensou e veio nos perguntar: “Pai e mãe, que que vocês acham?” Ela estava magra, mesmo trabalhando em loja de doce, ela estava magra porque não tinha mais pressão, não tinha mais obrigação de nada e aí ela foi. E voltou a rotina de treino, tudo tranquilo e a seleção chamou de novo, daí ela voltou para a seleção, ganhou uns campeonato, com o clube, nacionais e internacionais e aí chegou até Londres¹¹, que foi 2012, né?

N.B. – 2012.

V.G. – Ela chegou até lá, mas no dia que ela foi competir teve lesão por estresse; eu não sei as vértebras, mas ela sabe quais, e de lá ela não conseguiu, chorou muito, a gente chorou pela televisão também, fico até emocionada de lembrar da época... Não deu mais. Mas ela voltou para o clube, ainda ganhou também, continuou, tentou mais uma vez, mas ela tinha que fazer uns procedimentos e não conseguiu apoio, nem de seleção, nem de clube... O clube queria que ela continuasse na verdade, competindo e treinando, que nunca era verdade as dores, as dores eram sempre mentira. E tanto que até hoje ela está com problema de coluna, para ganhar o bebê já foi também difícil. E ela ficou bem chateada. E nos treinos, ela já estava com os seus vinte e três, vinte e quatro anos, não era mais

⁹ Escola de Educação Física – UFRGS.

¹⁰ Sérgio Stringhini.

¹¹ Jogos Olímpicos de Londres.

nenhuma menina, não queria mais tanto obedecer ordens e não acreditavam mais nas dores que ela tinha, ela resolveu sair. “Ah, não tão cuidando de mim, não estão me ajudando...” E ela estava fazendo faculdade de Educação Física, tudo no IPA¹² e a técnica resolveu tirar tudo de vez dela. Ela ficou muito chateada e hoje ela não quer mais saber de ginástica na vida dela. Mas essa é a história dela.

N.B. – E como é que era a relação, tanto tua, quanto do resto da família com os clubes, com o pessoal do Núcleo¹³ que ajudou a treinar... Vocês acompanhavam o treinamento dela?

V.G. – Quando pequena eu sempre acompanhei. Sempre eu porque o pai trabalhava e não tinha como. Sabe como é que são os homens. As mães cuidam mais das meninas. Então eu sempre acompanhei ela em tudo; pagava para levar e, quando eu não pagava, eu levava, eu buscava, eu esperava no treino... No início, sempre legal com a professora Cleusa que foi a primeira professora dela, muito querida ela, depois com a Leda¹⁴ que foi uma pessoa que nos ajudou muito, quando não tinha passagem ela ajudou muito. A Adrian dormia na casa dela, ela levava para o treino, ela trazia, a Leda, eu não tenho do que me queixar. Eu me emociono porque ela foi uma pessoa muito legal com a gente e com a Adrian também. Com a Adriana¹⁵ a gente tinha uma relação meio distante; com o Kiko¹⁶ eu conversava mais, com a Adriana não tanto, mas deixava mais a cargo da Adrian, que ela vivia lá dentro do ginásio. A Adriana também. Não vou dizer que a Adriana não ajudou ela com, levar, trazer, ajudou lá dentro do clube a ela obter passagem para ir para o clube, que até então eles não davam... Quando ela começou a ganhar, daí eles começaram, deram escola particular; ela estudou em escola particular a partir do quinto ano e depois como ela foi para a seleção ela estudou lá em cima, depois veio, estudou aqui, terminou aqui a escola. Porque nos dezoito anos foi a fase que ela não queria mais saber, então, ela terminou com a gente a escola. Mas a relação foi sempre boa com o clube; a relação também foi tranquila até o momento dela se lesionar e ninguém nunca me procurou para falar: “A Adrian tem isso, a Adrian tem aquilo.” Eu sei tudo por ela, não sei por médico do União, nunca nos

¹² Centro Universitário Metodista IPA

¹³ Núcleo de Base do Esporte de Alto Rendimento – Ginástica Artística – ESEF.

¹⁴ Nome sujeito a confirmação.

¹⁵ Adriana Rita Alves.

¹⁶ Nome sujeito a confirmação.

chamaram lá em uma reunião. Eu ia lá, levava ela, fazia fisioterapia, mas nunca nos chamaram: “A Adrian tem lesão tal, tal, tal”, “Olha, isso, isso, e isso”, nunca. Ai nessa fase acho que dos vinte aos vinte e quatro, foi o tempo que ela começou, a gente não tinha muito contato com eles, nem médico assim. Depois era tudo via seleção... Nem com eles lá. Na verdade com eles só havia papel para assinar, contrato, de Bolsa Atleta, mas que alguém me ligasse: “Dona Vera, a Adrian está assim, a Adrian tá assado.” Foi só no período dos quatorze anos que mandaram ela embora: “Estamos mandando ela embora por isso e por isso”.

N.B. – E esse período na seleção, tu lembra mais ou menos quanto tempo foi que ela ficou na seleção? Como é que foi para vocês estar aqui sabendo que ela estava lá, passando por tudo isso... É uma vida difícil, muito esforço...

V.G. – É. Foi assim, saudade, porque tipo, ela tinha catorze anos quando ela foi; catorze ou quinze, não recordo. A gente tinha que estar na impressão, será que está estudando, será que está comendo, estão tratando bem? A gente naquela época era uma época bem mais difícil, porque nós não tínhamos tanta condição de estar telefonando, estar ligando, e eu sei que lá algumas coisas eram cobradas, e a gente não sabia. A gente foi saber quando mandaram ela embora e um dia nos ligaram: “Ela deve setecentos reais aqui” e na época era muito dinheiro para nós. E a gente pagou, com muito custo, mas a gente juntou e mandou, não sei quem levou, não recordo quem pagou, mas a gente pagou. Não sei se dei dinheiro para a Adriana... A Adrian deve lembrar alguma coisa, mas eu não lembro assim. Mas eu sei que a gente pagou setecentos reais, foi um dinheiro bem importante, que fez falta para nós. Mas foi difícil essa parte assim. Eu me emociono um pouco.

N.B. – Sim. E eu até ia dizer, eu até ia comentar, queria que tu falasse um pouquinho sobre como é que era. O clube dava todo o suporte enquanto ela estava com o clube para ir para as competições? Como é que era com o Grêmio Náutico União?

V.G. – Isso eu não tenho queixa. Eles tinham suporte sim. Eles davam as viagens, as passagens, a gente dava dinheiro para alimentação, mas viajar assim, tudo eles... Hotel, tudo era com eles.

N.B. – E quando ela foi para a seleção, não? Foi por conta de vocês?

V.G. – Não. Lá na seleção é a seleção que banca tudo, viagens, tudo com eles. Alojamento, eu não sei o que que era cobrado lá, mas alimentação, era tudo com eles lá. Eu acho que elas comiam fora, extra né, porque (riso) para atleta, a coisa é assim: atleta nunca quer o que é saudável, então, para eles é passar fome comer uma maçã. Claro que a gente dizia: “Não Adrian, tu tem que alimentar com o que eles te dão aí”. Mas ela sempre foi uma menina muito gulosa. Desde pequenininha sempre foi fortinha, então, acho que sentia fome extra. Mas na seleção quanto no União, sempre eles deram o suporte total e completo nessa questão de viagens, de hotéis e de passaporte. Na verdade agora eu estou lembrando: no início a gente tinha que ajudar nas viagens. Os pais tinham que ajudar nas viagens. Tanto que, como eu trabalho até hoje no mesmo lugar, a minha patroa me ajudou muito, dando assim: “Olha, esse dinheiro é para a tua filha viajar”; “Ó, para ajudar na viagem, para alimentação ou para alguma coisa que ela precisar lá”. Quer dizer, a gente não tinha dinheiro para dar a ela né.

N.B. – E quando ela estava na ESEF eu acho que já era um pouco mais complicado porque o projeto ele tinha toda a estrutura, mas eu não sei como é que era essa questão?

V.G. – Ali na ESEF não, ali na ESEF tinha o Sérgio, mas a esposa dela, a... Eu não me lembro agora... Tão querida, ela é minha amiga no face. A esposa dele ajudou muito a Adrian também. Ela muito ajudou a Adrian em tudo, mas a ESEF não tinha nada dessas coisas não. Muito foi o Sérgio que pagou viagem e pagou hotel para a Adrian. Eu acho que foi uma viagem só que elas fizeram, ou duas, não me recordo, mas ele, ele deu tudo para a Adrian nessa parte assim. Mas a ESEF não. A ESEF não tinha essas coisas. E nem tipo, uma van para levar e trazer. A gente que buscava e levava porque é bem longinho também.

N.B. – Sim. E vocês participavam dos campeonatos por aqui? Acompanhavam pela TV? Como é que era assim essa questão de tu não saber como é que está indo, como é que está?

V.G. – É, os treinos, quando era no CETE de pequena a gente assistia e quando tinha campeonato eu ia. Até o primeiro campeonato dela foi em Caxias do Sul, eu me admirei

porque ela ganhou o campeonato lá: segundo lugar e primeiro por equipe. Tem a medalhinha ali, depois te mostro. E quando ela foi para o União eu sempre acompanhei treinos, só que a gente não podia assistir os treinos; às vezes eu levava, quando não podia, pagava alguém, e ficava por lá esperando, porque o clube ainda não dava naquela época que até se profissionalizar; eles não davam van, nem carro, nem passagem de ônibus, então, eu tinha que pagar alguém ou eu ia buscá-la e levá-la. Eu saía do trabalho, pegava ela, alguém levava e pegava.

N.B. – E quando tu pôde assistir, qual era a sensação de ver a Adrian competindo?

V.G. – Nas competições a gente ia, não podia assistir treino, mas nas competições era *muita* adrenalina. Para mim, eu fechava os olhos a cada aparelho que ela subia; o único que eu não fechava era o solo, mas quando ela ia fazer os mortalzinho eu fechava os olhos para não ver. Mas assim, nas competições eu sempre fui assistir, era muita emoção, era muita emoção, muita. De ver ela com oito aninhos, pulando, na trave, fazendo mortal e ganhando os campeonatos porque tem competição em tudo, entre mães e atletas. (Risos). E aí as mães... Muita emoção porque tinha uma... Antes da Adrian chegar lá era a Juliana¹⁷ que ganhava, que ela era da Sogipa¹⁸ e ela ganhava os campeonatos. Aí quando a Adrian chegou, depois que a Adrian começou, a Adrian começou a ganhar. E foi uma função, sofri uns *bulling*. Mas tudo bem, passou. Porque era muita emoção de ver a minha filha bem pequena ganhando os campeonatos, era bem legal. Hoje está grande, mas ela ainda é o nosso orgulho. Ela ainda é o nosso orgulho, ela ainda é o nosso orgulho. Olha lá está ela. Eu estou chorando. (Choro)

N.B. – Quais os momentos mais marcantes ou o momento mais marcante da trajetória dela que tu te lembra?

V.G. – De toda a trajetória? O primeiro campeonato brasileiro que ela ganhou foi bem emocionante, que eu não recordo a data, tu não me perguntas, mas foi bem emocionante ser campeã brasileira; o segundo momento que marcou de tudo foi ela ter chegado até a seleção e até o Mundial e até a Olimpíada. Na verdade, foi o mais emocionante ela ter

¹⁷ Nome sujeito a confirmação.

¹⁸ Sociedade Ginástica de Porto Alegre

chegado até a Olimpíada, e eu vi o nomezinho dela, para o mundo todo, imagina. E ela chegou a... Acho que ela saltou, ela teve saltos, mas a lesão foi quando ela foi para outro aparelho que eu não recordo. Mas foi assim, eu acho que o ápice de todo pai de toda atleta, é chegar até uma Olimpíada Pena que não deu, mas foi emocionante e ainda é. Quando eu lembro também me emociono bastante.

N.B. – A Adrian teve algumas lesões durante a carreira que inclusive tiraram ela dos Jogos Olímpicos. Como é que era para vocês lidar com o momento que ela se lesionava, que ela tinha que parar de treinar por um tempo.

V.G. – Era um momento que a gente tinha que conversar bastante com ela, mais a parte psicológica dela, porque ela é muito raçuda para a dor. Sempre, desde pequena. Dor com ela, ela tira de letra. Mas o psicológico dela sempre foi o mais afetado, então, a gente tinha que tratar. Como eu sempre fico, fiquei e fico até hoje, sou mais próxima dela, então eu... Claro, o pai dá apoio, o pai conversa, mas pai é mais, como eu vou dizer, é mais sério, mais severo, então, elas vêm mais para o lado da mãe. E foi assim um pouquinho difícil de tratar com as lesões, porque é onde que ela quer desistir “Ai, quebrei, não dá mais”. Quando ela teve uma competição com doze, não me lembro se onze ou doze anos, ela competiu com o braço quebrado e eu não sabia. Mas como tinha que competir, ela só dizia que tinha dor, ninguém acreditava, mas quando foi ela estava com o braço quebrado. E mesmo assim ela ganhou esse campeonato que eu não recordo o ano, a data. E depois o mais grave foi o Tendão de Aquiles, que também foi bem complicado para tratar com o psicológico dela, e ai até chegar essa parte da coluna, essa foi bem complicadinha assim.

N.B. – Acho que tu já falou um pouquinho, mas qual era a sensação de ter uma filha nos Jogos Olímpicos? E como é que foi quando ela teve a lesão, quando ela foi cortada da seleção em função da lesão? Para vocês como é que foi viver isso?.

V.G. – Daqui foi bem triste porque a família toda, a gente ficou... Mas a gente não sabia daquilo, que que tinha acontecido, uns falam uma coisa, claro, botaram ela para fazer entrevista ao vivo para o mundo todo ver o porque que ela tinha saído, então, ali foi a parte mais triste. Os vizinhos todos, os parentes todos, ficamos todos triste, foi a parte da decepção, vamos falar assim. Foi onde a gente ficou decepcionado, não com ela, mas em

função da lesão. Até hoje vou te explicar que eu não sei o que causou essa lesão, entende? Porque nunca ninguém, nenhum médico veio falar comigo o porquê da lesão, porque sempre ela foi ao médico sozinha, que ela sempre se entendeu por gente, a partir dos dezoito anos ela cuidou da vidinha dela esportiva. A gente dava apoio mas ela que se coordenava. Uma porque ela tinha dezoito anos e ela dizia: “Mãe, deixa comigo agora”. Mas foi bem, foi uma decepção. Bem grande, nessa fase.

N.B. – E como tu falou antes, ela começou a cursar Educação Física, mas ela acabou... Quando ela parou de treinar, eu acho que ela parou de fazer o curso também, vocês tentaram apoiar para ela continuar?

V.G. – Tentamos apoiar, tentamos fazer ela fazer prova da UFRGS¹⁹, mas ela não conseguiu porque, tipo, entre trabalhar e estudar, é complicado. Ainda mais quando a gente é desprovido e foi complicado. Mas ela tentou. Ela pagou as inscrições, ela tentou estudar, fazer cursinho, mas não conseguiu. Depois de ter tentado lá no IPA ela tentou na UFRGS. Mas ela ainda pensa em voltar, é o que ela me fala. Tanto que ela quer ir embora do país para fazer em outro lugar. É o sonho dela ir embora daqui.

N.B. – E eu acho que foi em 2016 que ela foi para a seleção do esqui aéreo?

V.G. – Eu não sei o ano, mas ela foi também para a seleção do esqui aéreo. Para nós foi muito emocionante, claro, ela veio: “Pai e mãe, assim assim, assim”. Eu digo: “Puxa”. Ai tinha acontecido aquilo com a Laís²⁰, e a gente ficou meio tenso eu vou te dizer a verdade. A gente ficou muito tenso, meio que assim de primeira a gente disse que não, mas depois: Ela quer, é o esporte a vida dela, e deixa ir”. E foi, mas lá, num belo dia, ela até estava morando por lá nos Estados Unidos... Mas num belo dia ela teve uma queda e bateu a cabeça, ficou em coma, e eu só soube quando ela voltou, daí que ela me contou: “Mãe, isso e isso.” Edaí eu pensei: “Em vez de ter fama, mãe, dinheiro eu vou ficar em casa, prefiro caminhar, trabalhar e ficar com vocês, porque vocês...” Imagina, nós já morávamos aqui onde a gente mora, com escada de quarenta e oito degraus. Tu imagina uma filha com

¹⁹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²⁰ Laís da Silva Souza

problema de locomoção, como é que nós íamos locomovê-la? Mas a gente também gostou de ela ter ido lá...

N.B. – Sim, é uma experiência diferente.

V.G. – Foi uma experiência diferente, de ter uma filha também atleta do esqui, mas não foi possível concretizar o final do esporte.

N.B. – E tem mais alguma coisa que tu gostaria de acrescentar, que tu não falou? Alguma história diferente que tu queria contar, deixar registrado?

V.G. – Eu gostaria de deixar uma observação, que fique para o esporte, para os próximos técnicos que vierem: que eles *ouçam* os atletas, que eles deem apoio para os atletas. Não é só botar o atleta ali a treinar e tipo, claro, eles chamam para conversar, mas ouvir que realmente tem a parte psicológica do atleta que também sente. Então essa é a observação que eu gostaria de deixar. Assim, que os próximos técnicos amassem os atletas como se fossem seus próprios filhos. Aí a coisa flui, né.

N.B. – Vera, eu te agradeço pela disponibilidade.

V.G. – Não, capaz. Vamos conversando e obrigada por registrar a história da Adrian.

[FINAL DA ENTREVISTA]